

**QREN - Aldeias de Memória**

## **História de Vida**

de

**Maria Fontinha Custódio**

registada em 2008-09-19  
por

Carla Aguiar e Joana Ribeiro



## **Maria Fontinha Custódio**

Maria Fontinha Custódio nasceu a 24 de Fevereiro de 1938, em Chãs d'Égua. O pai chamava-se Abel Custódio e a mãe Maria Gracinda. O pai trabalhava na serradura. Quando deixou a serradura, foi para as Minas da Panasqueira, trabalhou em Lisboa e, mais tarde, foi para Miranda do Douro, para Trás-os-Montes a trabalhar nas barragens. A mãe foi sempre no campo, nas fazendas. Tiveram seis filhos, mas três morreram ainda pequeninos. Aos 7 anos Maria Fontinha começou a ir ao mato, quando foi para a escola. “Ia primeiro buscar um molho.” Depois da escola, ia deitar as cabras. Apenas andou na escola um ano. Aprendeu costura mas trabalhava mais para casa, para as tias e para uma vizinha. Andou sempre a cavar, desde os 20 anos. A sua vida foi sempre no campo.

# Índice

Identificação Maria fontinha Custódio.....	4
Ascendência Abel Custódio e Maria Gracinda.....	4
Infância Sempre a ajudar nos trabalhos domésticos.....	8
Educação "Não aprendi como havia de ser".....	9
Casa Uma cozinha funda.....	9
Percurso profissional Trabalho no campo.....	10
Religião Um nevão na Comunhão.....	10
Costumes As festas.....	12
Lugar As actividades da terra.....	12

## **Identificação *Maria fontinha Custódio***

O meu nome é Maria Fontinha Custódio. Nasci, a 24 de Fevereiro de 1938, em Chãs d'Égua.



**Maria Fontinha Custódio (Lisboa, 2002)**

## **Ascendência *Abel Custódio e Maria Gracinda***

O meu pai chamava-se Abel Custódio e a minha mãe Maria Gracinda.

## " Tinha que ganhar o pão para a gente"

O meu pai, em solteiro, já trabalhava na serradura. Andava por essas terras todas ao serrote. Depois de casado continuou outra vez. Quando deixou a serradura, foi para as Minas da Panasqueira e levou-nos a mim e à minha mãe. Eu devia ter aí talvez uns 6 anos. Tinha mais outra irmã mas essa não foi. O meu pai tinha que ir ganhar dinheiro para nós, para comer. Depois viéramos de lá outra vez para Chãs d'Égua. O meu pai ficou lá a trabalhar. Também trabalhou em Lisboa. Quando ele veio, mais tarde, foi para Miranda do Douro, para Trás-os-Montes. Começou naquelas barragens a trabalhar. Na companhia das barragens, tudo "pia fora"<sup>1</sup>. Até que chegou a ser 1º encarregado. Ao fim, mais para o resto, já era fiscal. Ele viveu muitos anos por fora porque não podia vir. Vinha cá muito amiúde, quando era por os anos da gente, por o Natal, no Verão. Quando cá vinha, não vinha sem nada. Trazia carregamentos de pão, muito comer para casa.



**Abel Custódio, pai de Maria Fontinha (1992)**

<sup>1</sup>por aí fora

Aquilo que fazia falta. Mas ele esteve muito tempo por lá. Ele tinha que ganhar o pão para a gente e para pagar a dívidas da casa. Em 1977 reformou-se. Foi quando veio outra vez para Chãs d'Égua e já não saiu de cá mais. As minhas irmãs já estavam casadas e eu é que estava com eles. Esteve cá sempre a trabalhar com a gente. Depois mais tarde adoeceu.



**Abel Custódio, pai de Maria Fontinha (1998)**

### **"Quando o meu pai adoeceu"**

*Quando o meu pai adoeceu foi para Arganil para o hospital. Depois recebi uma notícia para o lá ir buscar. Não podia lá estar, porque aquelas doenças não era de estarem ali muito tempo. Veio para Lisboa. Fez uma operação ao coração, mas a senhora enfermeira tinha dito que ele estava em processo e não podia tratar dele. Então, disse:*

*- "A senhora que quer? A ajuda da Segurança Social ou quer um lar?"*

*E eu disse:*

- Não. Eu tenho mais irmãs.

- "A senhora vai falar com os seus irmãos e depois então vem aqui pedir."

Fiquei a tomar conta dele. Ele caía para o chão, levantava-se sozinho, mas de noite, tinha que ir chamar uma prima minha para cá vir a minha casa. E lá estava com ele na cama.

A minha mãe, coitada, também estava muito doente. Também foi sempre no campo, nas fazendas. Ajudavam uns aos outros. E andaram lá sempre na cava. Era preciso dois dias de uma mulher para fazerem um dia de um homem.



**Maria Gracinda, mãe de Maria Fontinha (1978)**

### **Três irmãos**

Somos três irmãs. A minha mãe teve seis filhos, mas três morreram ainda pequeninos. Déramo-nos sempre bem uns com os outros. Antigamente era tudo só com a lareira. Não tínhamos fogão como agora há. Lá nos sentávamos à lareira e lá nos remediávamos conforme podíamos. Contávamos histórias, outras vezes



a falar uns para os outros, pronto. A gente andou sempre a trabalhar no campo. Também não podíamos contar assim muitas histórias.

## ***Infância Sempre a ajudar nos trabalhos domésticos***

### **Tratar dos animais**

Aos 7 anos comecei a ir ao mato. Foi quando fui para a escola. Ia primeiro buscar um molho de mato para os animais antes de ir para a escola. Não havia estrada. Era só assim uns carreirinhos que havia "pia cima"<sup>2</sup>. Ia muitas vezes de manhã. Depois, às nove horas, abria a escola, já tinha que lá estar. Se fôssemos para mais longe, demorávamos aí uma hora ou mais. Depois a roçar, cortar o mato, trazê-lo às costas, descalças. Levávamos umas tamanquitas, mas depois tirávamo-las. Púnhamos no meio e vínhamos descalças. Antigamente era assim. Quando nevava, sabe Deus como a gente passava. Tínhamos ovelhas, tínhamos cabras. Às vezes, para ir buscar o comer para eles e tudo, íamos agarradas a uns paus para nos segurarmos. Às vezes íamos levar a "lavagem" às ovelhas. Antigamente a gente chamava a "lavagem" à água que a gente lavava a loiça. A gente lavava com água quente, não era lavada com detergente como agora. Então, aproveitávamos aquela água para os animais. Como tínhamos porcos, ia para os porcos. Muitas vez caí com os baldes de água "pia baixo"<sup>3</sup>. Escorregávamos na neve. Estávamos às vezes aí dias inteiros em casa. Não se podia sair à rua. Alguns dias, não é sempre. Mas a gente tínhamos que sair à força porque tínhamos os animais para tratar.

### **Costura...**

Eu e a minhas irmãs brincávamos umas com as outras, às vezes, em casa. Quando éramos assim maiores, fazíamos umas coisas a bordar à mão, às vezes, à noite, de Inverno. De Verão não havia vagar para isso. Fazíamos nos lençóis ou nas travesseiras, assim uns bordados. Elas faziam mais. Eu era na costura. Essas coisas na costura aprendi eu de cabeça. Para começar, escangalhava uma blusa e depois por aquela blusa que escangalhava é que talhava as outras. Lá fazia uma blusa, uma saia, um avental ou uma combinação. Roupa dos homens nunca

<sup>2</sup>por aí acima

<sup>3</sup>por aí abaixo

fiz. Trabalhava era mais só para casa, para as minhas tias e para uma vizinha. Comecei já lá vai muitos anos. Já há mais de alguns 40 anos que eu comprei a máquina. Foi o meu pai que me comprou a um senhor de Arganil, que me cá veio trazer-la.

### **Brincadeiras na neve**

No tempo da neve era uma alegria! Os rapazes, que eram assim mais ou menos da minha idade, iam para a neve fazer bolas, fazer bonecos. Naquele tempo havia muitos jovens, agora é que não. Agora acabou tudo. As outras crianças, umas casaram-se, outras foram para um lado, outras foram para outro. Chegaram a haver aí algumas 40 e tal raparigas, naquele tempo. Casaram-se, foram-se embora.

### **Educação "*Não aprendi como havia de ser*"**

Tinha 7 anos quando fui para a escola. Antes de ir para a escola, íamos primeiro ao mato. A minha mãe fazia o molho e eu trazia. Chegava à porta dos animais que tinha, e ala para a escola. Depois da escola, ia deitar as cabras, que a gente vinha cedo. Também só lá andei um ano na escola. Ao fim a professora foi-se embora. Eu gostava muito dela. Mas sempre cheguei a aprender o meu nome. Mais o resto, leio algumas coisas, mas não aprendi como havia de ser. Sabia a tabuada toda e fazia as contas de cabeça. Agora não sou capaz. Cheguei ao fim, passou-me. Escrevíamos numas pedras pequenas iguais às do quadro. Só que tinha umas beiras a toda a volta e ali é que a gente escrevia. Para aprendermos primeiro era nas pedras. Estivéramos cá muitos anos sem a professora. Depois, mais tarde, talvez aí passados uns dois ou três anos, é que então veio uma. Mas era para aqueles mais novos. Eu já era mais crescida e, então, tínhamos era que trabalhar. Usava-se disto. Gostava de ter continuado a escola. Uma das minhas irmãs ao fim andou. A outra estava a tomar conta dos avós, dos pais do meu pai, não chegou a ir à escola. Mas a mais nova, essa ainda lá andou. Ainda fez a quarta classe. Eu lembro-me: o pai do meu pai estava entevado e então o meu paizinho pô-la lá. Ela agora, coitada, diz muitas vezes que podia ter aprendido a ler, que não sabe, que por causa dos avós não aprendeu.

## **Casa *Uma cozinha funda***

Na casa dos meus pais havia campos à beira da casa. Era só batatas, milho e hortaliça em toda a volta. Para o centeio, era tudo lá para a serra. Nós morávamos em cima da povoação, numa casita. Até tinha a cozinha funda e a gente sentava-se todos de roda. Fazíamos a lareira e antigamente nós sentávamos pelas tábuas fora. Mas aquilo também era muito chato. A gente, às vezes, com os pés e tudo sujava onde se sentava. Depois o meu pai arranjou aquilo e ficou mais alto. Tinha só o rés-do-chão, um sótão por cima e o quarto dos meus pais. Nós quando éramos pequenas dormíamos no mesmo quarto deles. Era uns para os pés outros para a cabeça, mas eu não. Eu já estava crescida. Dormia num quatinho que eles lá tinham, ao lado, mas era pequenino. Depois é que o meu pai fez a casa que existe actualmente. Eu tinha 8 anos quando ele fez a casa. Ainda está conforme a fez. Só está é mais arranjada por dentro.

## **Percurso profissional *Trabalho no campo***

Eu andei sempre a cavar. Desde os 20 anos para cima andei a cavar, no meio de sete e oito homens, com uma enxada. Cavei muito ao pé deles e cavei muita terra sozinha, para batatas, para hortaliças e até para milho. Às vezes, os homens faltavam e depois a gente tínhamos de cavar. Andei muita vez a semear centeio. Cavávamos primeiro e depois íamos semear o centeio. Também se ia ceifar. Ao fim eu, as minhas irmãs e a minha mãe atávamos um molhinho e íamos buscar. A minha vida foi sempre no campo. Sachávamos, arrancávamos a erva, mondávamos. Depois de leve calcávamos o estrume e regávamos. Andávamos assim todo o ano. Começávamos em Março até ao final, até Setembro.

## **Religião *Um nevão na Comunhão***

Havia umas senhoras que ensinavam as crianças e nós íamos à catequese. Íamos ao Piódão à doutrina. Havia aí mais pessoas que davam a doutrina às crianças e a gente lá aprendia. As orações gostava de todas. A minha Primeira Comunhão foi o dia da Nossa Senhora, o dia 8 de Dezembro. Tinha 9 anos. Estava aí um nevão! Tivéramos que ir ao Piódão. Então, no dia que fôramos para o Piódão, chovia muito. Foi o meu pai e a minha mãe comigo. Apanhámos uma molha. Chegámos ao Piódão tínhamos tudo molhado. Mas levávamos outra roupa para lá vestir. O vestido era branco. Mas havia colegas minhas que levavam um vestido às florzinhas e o assento branco. Não tinha véu, não tinha nada. Não

sei se era lenço que levava na cabeça, se que era. Antigamente usávamos véu mas era à missa. Depois, no resto da Comunhão, a gente levávamos, por exemplo, a bucha para lá comermos. Levávamos uns sacos ou uns cestos para a gente lá comer alguma coisa. Não comíamos lá ao pé da igreja, era mais para alguém, por onde a gente passava.

## **Um padre para muitas freguesias**

Antigamente nós tínhamos missa. Estava um padre no Piódão e vinha celebrar missa aqui. Agora também temos, mas é só uma vez por mês. O padre só cá vem renovar o Santíssimo. Como o padre é da Moura e tem de vir ao Piódão, não vem aqui assim. Ele está a tomar conta de mais freguesias. A missa era tal e qual como agora. Quer dizer, só agora são outras orações que dizem. O Credo era de uma maneira antigamente e agora é de outra.

## **O Terço às cinco e meia**

Para rezar o Terço, já há muito tempo que tem sido às cinco e meia. Porque para ir no Inverno, já era muito noite e aqui somos poucas. À minha prima, a senhora Ana, um dia disse assim:

- "Olhe, prima, nós vimos fazer o Terço um bocadinho mais cedo porque eu de lá de cima para baixo tenho medo de vir sozinha. E então, em estando em casa, pronto, já não tenho medo."

Ela então deu em fazer mais cedo e eu vou. Quando posso ir vou, quando não posso ir não vou. Depois já venho mais cedo para casa. Agora, já há muitos anos para cá, é esta senhora que está a tomar conta. Ela agora foi a Lisboa. Até nem disse para fazer o Terço, disse para eu tomar conta da capela até ela vir, que às vezes pudesse vir alguma trovoada e faltar a luz e o Santíssimo ao fim não tinha luz. Eu até tomei conta da chave até ela vir.

Os santos que estão na capela de Chãs d'Égua é o São João Baptista, o Santíssimo, a Senhora de Fátima, o Coração de Jesus, a Senhora das Febres e Santa Bárbara. E agora às cinco e meia continuo a ir fazer o Terço. Se as pessoas forem, continuo até ela vir. Se não forem, fecho a capela, pronto. Antigamente eram umas senhoras que faziam o Terço, mas também já faleceram, mas não iam lá todos os dias. Só começáramos lá ir todos os dias quando para cá veio o Santíssimo. Mas não íamos para lá todos os dias, que eu me lembre não.

## **Costumes *As festas***

Antigamente, a festa do São João, era sempre no dia 29 de Agosto. Ainda a gente cá não tínhamos o Santíssimo. Faziam a festa à mesma de São João a um dia e ao outro dia faziam ao Santíssimo Sacramento. Agora, há alguns anos para cá, a festa do Santíssimo com a de São João quer-se tudo no mesmo dia. Na procissão saíam os santos todos. Quando vem do Piódão para cá, ia dar a volta à capelinha que há além. Vinha "pia aquém"<sup>4</sup>, dava a volta aqui à povoação e ia para cima directa à capela outra vez. Quem organizava a procissão eram os mordomos. Por exemplo, este ano era eu mordomo, para outro ano eram outros. As senhoras que sabiam mais das coisas das flores, faziam flores em papel para enfeitarem os andores, as ruas, tudo "pia fora"<sup>5</sup>. Enfeitavam a capela também com flores. Mas a capela era com flores naturais e nas procissões era papel. Eu também fiz muitas. Cortávamos as folhas, fazíamos as bandeiras. Depois cortávamos às tiras, dobrávamos e enfiávamos o fio "pia fora"<sup>6</sup>. Então, estava já aquilo bem apertado, atávamos e estava a flor tal e qual como fosse uma flor natural.

## **Lugar *As actividades da terra***

### **Colchões de palha**

Antigamente aproveitávamos a palha do centeio para encher os panos para a gente lá dormir. Nós, naquele tempo, era assim. Havia uns panos - chamávamos até colchões - e enchíamos de palha do centeio. As camas eram de ferro ou eram de madeira, só no vão. Enchíamos aquilo e púnhamos na cama. Dormíamos lá bem. Depois de encher os colchões estava todo o ano. Quando era no Verão, tirávamos aquela palha e púnhamos outra nova. A gente lavávamos tudo. Antigamente não era como agora. Não era lençóis como agora. Tínhamos uns lençóis, mas era só uma muda ou duas. Íamos lavar a roupa aos barrocos. Tínhamos que ajoelhar e lavávamos ali assim a roupa naqueles poços. A água

<sup>4</sup>por aí aquém

<sup>5</sup>por aí fora

<sup>6</sup>por aí fora

era pouca no Verão, mas havia uns poçozitos e a gente lavava ali com sabão azul. A roupa ficava branquinha. A gente antigamente lavava a roupa branca mas deitávamos ao sol. Chamávamos aquilo pôr a roupa a corar. Eu, ainda assim, até os cobertores que tenho novos arrecadados ponho tudo ao sol. Em vindo o Verão ponho tudo ao sol. Se não forem ao sol, a traça começam-nos a cortar. Estragam os cobertores todos. A outra roupa da cama que a gente trás todo o Inverno, quando é no Verão lava. Como é Verão, não é preciso nem a metade daquela roupa. De Verão, um lençol ou uma colcha de algodão por cima e a outra coisa já chega. De Inverno é que a gente trás muita roupa na cama. Depois a que for precisa ponho, a que não for precisa vai outra vez para a arca.

### **A mina de água**

Antigamente não havia água em casa. Agora, já há uns anos, que cá temos água. Íamos buscar ao lado do ribeiro, lá a uma mina. Ali é que a gente íamos à água. Estava empancada. Quando era no Verão, pelas festas, gastava-se muita água. Íamos para lá cedo para ganhar a água. Era uma bicha que a gente fazia. Às vezes, até levávamos um copo para apanhar assim com o copo para os cântaros. Era pouca água. Era só aquela fonte que tínhamos aqui. Às vezes, outros iam a outras nascentes. Era conforme a gente podia fazer. Trazíamos nos cântaros de barro ao ombro ou à cabeça. De Inverno não íamos lá tanto. A gente era tudo a lavar a loiça sempre com a água que íamos buscar. Agora é que não. Íamos muita vez ao dia àquela mina buscar água. Outras vezes era mais acima, havia também lá um nascentezito. Mas pronto, às vezes, a água era pouca. Lá nos fôramos remediando. Não era só eu, a povoação toda.

### **"Bebia-se pouco leite"**

Chegávamos a ter às seis e sete cabras. Ovelhas a mesma coisa. Também eram seis, sete. Ao fim, mais para o resto, é que começáramos então a diminuir. Era preciso a gente ir deitá-las e tirar-lhe o leite. Às vezes, para tirar o leite às ovelhas, botávamo-nos em cima delas. Elas assim de lado não deixavam. Conforme a gente estava em cima delas, estar a tirar-lhe o leite para a lata. Tirávamos o leite das ovelhas com as mãos. Se a gente quisesse, também bebia o leite. Mas o leite, nesse tempo, era para fazer os queijos. Às vezes para vender, para comer. Bebia-se pouco leite. Fiz e vendi muito queijo.

Os porcos, às vezes, também matávamos dois. Mas a gente gastava muito com os porcos. Tínhamos que ter milho e levar ao moinho. Ao fim, íamos lá

buscar a farinha para os porcos e também para cozer para a gente comer, para fazer as broas.

### **"Era tudo de graça"**

A terra dos meus pais era pouca, mas cultivávamos das outras pessoas que não estavam cá. Cultivávamos a terra das outras pessoas para apanharmos alimento para a gente. Andei muitos anos a cavar oliveiras e a apanhar azeitona com uma escada de 14 lanços. Ao fundo da casa tinha um olival. Andei lá muita vez mais a minha mãe, que Deus tem, sozinhas. À noite, a cavar no tempo da azeitona. A minha mãe ia tratar das cabras e eu agarrava no saco de azeitona e ia levá-lo lá<sup>7</sup> pia baixo<sup>7</sup>, lá para onde a gente a juntava. Era lá em baixo na Foz d'Égua, no lagar, que íamos levar a azeitona. Agora o lagar já não trabalha. Temos que ir para a fábrica. No lagar, a gente, às vezes, não pagava nada. Eles ficavam com aquela coisa de azeitonas - chamavam-lhe aquilo o cardaço - e a gente trazia o azeite. Não pagávamos nada. Às vezes dávamos uma bucha, era conforme. Se queriam dar alguma coisa davam, se não queriam não davam. O meu avô, o pai da minha mãe, andou lá muitos anos a trabalhar no lagar. Às vezes, chegava de noite da azeitona, lá ia eu a caminho do moinho para trazer a farinha para o outro dia para os porcos. Era tudo de graça. Nós tínhamos parte nos moinhos. A gente sabíamos quando é que era o nosso dia. Então, a gente dizíamos ao vizinho:

- Olhe, leve-me esta mechinha de milho. Nós até logo vamos lá ver.

Outras vezes íamos lá nós deitá-lo. Era assim. Nós aqui em Chãs d'Égua éramos todos unidos uns com os outros. Fazíamos assim o favor uns aos outros. Quando era que acabavam-no de moer, trazíamos a farinha. Íamos lá varrer. Aquilo era engraçado. A gente antigamente dizíamos que era 1 alqueire, meio alqueire de milho. Era assim uma forma de madeira. Depois mediam para ali o milho. Meio alqueire era 8 litros e 1 alqueire parece que era 16 litros.

### **"Ajudávamos uns aos outros"**

A gente apanhávamos o milho e depois, à noite, juntávamos uma malta grande, para uns e para outros:

- "Eu hoje vou debulhar o milho!" - dizíamos assim.

Os vizinhos vinham ajudar. Ao outro dia, eram os vizinhos, íamos nós ajudar a eles. Depois estendíamo-lo ao sol, numas mantas. Antigamente as

<sup>7</sup>por aí abaixo

mantas eram de fitas, mas eram grandes. Então, fazíamos aquelas debulhas e outro dia íamos estender. Estavam os homens com um pau a bater nas espigas e as mulheres era a tirar o milho do casulo. Andávamos assim. Ajudávamos uns aos outros. E à noite, às vezes, quando era assim no fim da colheita, a gente dava:

- "Olhe quer uma pinga?"

Algumas rezavam até o Terço muitas vezes. Cantar não me lembro que cantassem assim muito. Rezar o Terço é que rezavam, às vezes. Esses mais antigos. Agora não. Agora não há nada.

Quando íamos apanhar o centeio, cozíamos para comer. E também íamos moer o milho para fazer a broa e comermos. Quando era no forno da povoação, havia sempre gente assim:

- "Ai não! Eu não vou lá pôr, eu não vou aquecer o forno!"

Mas depois iam lá pôr um pau atrás da porta do forno para saber que já havia quem aquecesse o forno. Iam então dizer:

- "Olhe, foi você que lá foi pôr o pau? Posso cozer consigo?"

- "Pode."

E era assim. Noutro tempo eram todos muito unidos uns com os outros.